

## Capítulo I – A Origem da Cidade e da Monarquia Arcaica e o esplendor da deusa Palas Athená (a deusa Atenas) –

*Cesar Nunes (cnunes@unicamp.br)*

1. Quando tivermos atravessado o Propileu (pórtico solene) que dá acesso ao ponto mais alto da Acrópole e, depois de termos recuperado a respiração, não tanto pela quantidade de degraus, mas talvez pela emoção de estar ali, e tivermos a chance de olhar ao redor, seja na direção do mar, seja ao norte, na direção das montanhas, queria parodiar Napoleão Bonaparte, quando contemplou as pirâmides e disse a seus comandados, adaptando ao momento: “Do alto desta Acrópole 50 séculos vos contemplam!” Esta é a proposta dessa jornada de formação filosófica e cultural que faremos juntos.
2. A **Mitologia** é um gênero literário e social, uma espécie de narrativa carregada de sentidos históricos e marcada por cumulativas dimensões sociológicas. Através dos mitos expressava-se uma determinada forma de consciência do mundo da época, com as características do pensamento mágico, por assim dizer, que constituiu a riqueza e a fecundidade da fabulosa tradição mítica grega. Os acontecimentos históricos foram sendo representados pelas narrativas míticas ou mitológicas. Prevaleceu, em nossa tradição histórica, durante muito tempo, uma definição racionalista e empirista que desprezava a Mitologia como uma espécie de “não-saber, consciência falsa ou primitiva”, tal como prescreviam os estágios “evolutivos” da cosmovisão positivista clássica. A pesquisa atual busca integrar as narrações mitológicas com os fatos históricos e políticos, para encontrar nelas as representações que movem as pessoas, - os interesses materiais e políticos - que marcam a dinâmica do mundo. A Mitologia condensa uma forma diversa de racionalidade humana, social e coletiva.
3. A região que hoje define a localização da cidade de **Atenas** era conhecida como a Ática. As origens do povoamento da região, continental e insular, data dos anos 5 mil a.C. Os primeiros habitantes da região são chamados de **pelasgos ou pelágios**, nome comum que

se refere a um conjunto de povos ou de comunidades com traços peculiares, povos seminômades, que dominavam técnicas rudimentares do meio para o fim da idade da pedra e nos inícios da idade do ferro. Viviam das coletas onívoras e guardavam laços de consanguinidades grupais e clânicas comuns. Nas escavações feitas na base de pedra do monte que sustenta a Acrópole foram encontrados vestígios de presença humana desde os anos 4 mil a.C, no auge do período neolítico. Outras povoações e agrupamentos descobertos nas vertentes da Acrópole datam ainda dos anos 2 mil a.C, com uma rica coleta de utensílios de cerâmica precária e de pedra, com pequenos estiletos de ferro encontrados nestas encostas. Os pelasgos dominaram também a Acrópole e construíram a muralha denominada Pelágica, que fica no sopé, bem embaixo, da Acrópole. Foram os Pelasgos que deram alguns nomes aos rios e aos montes que cercam e enfeitam Atenas: *Licabeto*, *Himeto*, *Elísio*. A segunda grande tradição de povoamento da Ática deu-se com a civilização minóico-micênica, que perdurou por quase um milênio, do século XX a.C até o século X a.C. Eram os minóicos provenientes do mar, com a liderança de Creta, e os micênicos, que os superaram, da cidade de Micenas, sede da região de povoamento dos **aqueus** ou *acaicos*. Os Jônios, povos igualmente guerreiros que chegaram do Norte e fundiram-se com o que sobrou dos pelasgos, integrando suas bases culturais com os aqueus e eólios. Estes consideravam-se descendentes de **Ione**, que era filho de Apolo. O deus que reinava nestes tempos era Apolo, sem uma relação ainda geográfica estrita. A civilização minóico-micênica, por volta do fim do segundo milênio a.C, constituiu-se como a primeira grande civilização de supremacia sobre o Mar Egeu e sobre a Hélade peninsular. Sua sincrética mitologia centralizava-se em deuses do mar, o deus que os habitantes da Acrópole, na cultura micênica, passaram a cultuar era **Poseidon**, o senhor dos mares, pela importância da pesca e a dependência ou manejo da cultura do mar para as populações ali estabelecidas. O Monte, uma elevação de 150 m, passou a ser lugar de distinção religiosa. Os seres humanos sempre cultivaram os acidentes

geográficos altos ou elevados, há relativa veneração dos montes, das colinas, das montanhas, das elevações. Representam proteção, elevação, segurança, possibilidades de ver mais longe, de proteger-se, de sentir segurança e de experimentar abrigo, depois das longas eras das cavernas. Em algumas culturas sugerem que neste lugares se expressavam ritos de passagens, lugares de cultos cosmológicos, marcados por sacrifícios animistas ou fetichistas. Mas a ocupação habitacional das partes altas obedece a uma criteriosa distinção de classe. Os habitantes destas terras inférteis e acidentadas estavam divididos entre o poder de Creta, no Mar Mediterrâneo, e as invasões indo-europeias de povos bélicos em busca de terras e de alimentos.

4. Os pelasgos foram sendo dizimados por levadas de migrações de povos indo-europeus do Norte, como os arquetípicos **eólios, os aqueus e os Jônios**, que suplantaram a precária organização econômica destes por dominarem técnicas mais apuradas de fundição, de alimentação e de organização militar e religiosa. A cultura de fusão entre estas bases étnicas e materiais de eólios, aqueus e jônios, com a superioridade dos Aqueus e Jônios define a civilização denominada **micênica**. Seu centro foi a cidade de Micenas, na Argólida, expandindo-se pelo Peloponeso, Tirinto, Mideia, e finalmente atingindo **Tebas e Atenas**. A **civilização micênica** localiza-se entre os séculos XV a.C a X a.C. e representa a primeira grande civilização grega, com traços palacianos, a escrita precária e a produção de obras de artes, com finalidade religiosa, ainda primitivas. Com a passagem dos milênios formam-se 12 pequenas ordenações de povoados, famílias e clãs, divididas entre os **genos**, agrupamentos familiares, frátrias e tribos, que seriam os embriões das cidades-estados, denominadas mais tarde como *basiliarquias*, das quais se destacam **Cecrópia**, o primeiro nome de Atenas, seguidas por outras cidades como *Argos, Lárissa, Elêusis, Lindos, Pilos, Ílion e Maratona*, entre outras. No século XIII a.C foi erguida uma muralha Ciclópica ao redor do rochedo central sagrado, que marca o centro da Acrópole, usado para mitologias de sacrifícios e de exaltação dos deuses primevos e fundantes. Seria ali o lugar dos palácios reais.

5. No tempo dos *micênicos*, que dominaram a tradição dos pelasgos e a destruíram, houve a lenta ocupação desta elevação ainda hoje suntuosa. Neste lugar foi erigido o primeiro palácio real, dos reis primitivos de Atenas, cujas histórias estão contadas fragmentariamente nas duas tradições dos mitos clássicos, **Hesíodo e Homero**, na qual prevalece a tese de explicar o mundo tomando sempre o concurso da ação dos deuses e de seus humores para representar os enfrentamentos econômicos, políticos e culturais daquelas diferentes povoações em processo de afirmação. Nesta conjuntura é que se estabelece a localização de Tróia, que em grego antigo chama-se *Ílion*, protagonista da narrativa da **Ilíada**, a saga da tomada de Tróia. Foram os micênicos que instituíram a realeza, o domínio de um senhor, misto de sacerdote, chefe militar e juiz, que governava sobre todos pela representação mitológica de sua derivação considerada divina. Erigiram palácios, inventaram a escrita primitiva **linear B**, e deixaram desenhos e obras de arte pelos lugares que fundaram e dominaram. A tradição hieroglífica dos Cretenses é reconhecida como a **Linear A**, com origens na tradição asiática e hindu.
6. Imaginem vocês um enfrentamento de duas divindades, sobre a Acrópole, aos olhos de Zeus e de seu panteão. **Palas Atenas** versus **Poseidon**, num mano-a-mano para decidir quem seria o deus (deusa) que teria a posse da cidade e seria venerado (a) pelos seus reis e seus habitantes. Zeus estabeleceu que o deus (a) que fizesse o maior bem para a cidade, num feito heroico e mágico, seria aprovado por ele, o deus maior, para ficar definitivamente com a cidade. Os deuses eram considerados proprietários das cidades. O primeiro a ser convocado para expressar seu poder foi o deus dos mares. Poseidon toma seu tridente e o enterra com toda força na pedra da Acrópole, fazendo jorrar uma fonte de água salgada, marinha, que era sua melhor produção. Os demais deuses ficam extasiados pela água marinha saindo da pedra e descendo pela encosta da Acrópole, correndo vertiginosamente para o mar. Depois das liturgias de aplausos ao performático Poseidon, Athená pega sua espada e cava fundo na terra,

inspirando ali a semente da Oliveira, que cresce ininterruptamente aos olhos dos deuses, carregada de Olivas, alimento essencial daquela região e de sua gente. Zeus, confuso, perde o concurso dos demais deuses e deusas, e a maioria aplaude o gesto de Athená, uma parte aplaude o feito de Poseidon. Então, Zeus, determina que deveria ser ouvido um mortal, e chama o rei Cécrops, metade homem e metade-peixe, para decidir a contenda. Este, temeroso da decisão, tremendo, decide pelos mortais, que precisavam do óleo de oliva para sua sobrevivência, afirmando que a Oliveira era o maior bem que a cidade poderia receber de sua deusa, pois alimentaria todas as pessoas. Convencido pela opinião de Cécrops e parte dos deuses, Zeus volta-se para a plateia divina e decide entregar a posse da Acrópole e de sua povoação, até então chamada de Cecrópia, para a deusa Palas Athená, pois ela deu à cidade o bem maior para sua gente: a alimentação das Oliveiras. Desse momento em diante a cidade passa a chamar-se **Athenas**.

7. Os primeiros reis-guerreiros da Acrópole foram Cécrops, Pandion, Erecteu, Egeu e Teseu. São cinco fidalgos ou nobres poderosos que governaram a Acrópole e sua gente, os micênicos e jônios. **Cécrops** era o deus metade homem e metade serpente ou peixe. Dividido entre o mar e a terra foi o juiz, como descrevemos acima, perante Zeus, da disputa pela posse da cidade entre Poseidon e Atená. Decidiu-se pela deusa e fez o primeiro altar a ela. Mais tarde, Erecteu, filho adotivo de Athená, erigiu o Palácio Real no centro do Monte e foi enterrado ali mesmo, como os demais reis. O lugar deste palácio original chamava-se Erecteion, referindo-se a este rei Erecteu, apontado como aquele que definiu ou estimulou intensamente o culto a **Palas Athená**. Veio deste rei primeiro, denominado Cécrops o nome de Cecrópia, endereçado ao monte sagrado que hoje chamamos simplesmente de Acrópole. **Teseu**, seu sucessor dinástico e descendente distante e direto, é considerado o rei-libertador, pois redimiria com sua bravura o preço de sangue que a dominação do rei de Minos, de Creta, estabelecia sobre a cidade, extraindo seus melhores jovens, derrotando o Minotauro. Esta é a trama do belíssimo mito **Teseu e**

**Ariadne**. Como rei, passa a incentivar ainda mais o culto a **Athena Palas ou Palas Athená**, marcando um tempo de progresso técnico e político. O regime econômico estabelecido pela liderança estratégica e bélica de Atenas sobre as demais cidades da Ática, sob o argumento da defesa, denomina-se *Sinequismos ou Sinecismo* (união das pequenas cidades). Talvez esteja nesta relação a origem do despontar econômico e cultural da pequena e estratégica cidade sobre as demais. A festa de celebração da vitória de Teseu e de seu reinado, protegido pela deusa Athená, chamava-se *Panateneias*.

8. Depois de Teseu as constantes lutas e a debilidade dos sucessores governantes não conseguiram manter a mesma proeminência de Atenas, entrando em crise em todas as dimensões, econômica, militar e política. No meio da crise aconteceu a invasão dos *dórios*, povos saqueadores, de estrita formação bélica, que dominaram os micênicos e depois avançaram, abandonando Atenas e fundando a cidade de *Esparta*. O último dos reis atenienses, chamado **Cordo**, morreria no meio dos combates e afundaria de vez o projeto de autonomia e de liberdade da cidade, agora dominada pelos *dórios*. Este foi o fim da monarquia arcaica ateniense.
9. A figura, a identidade e a representação da deusa **Athenas** é de uma simbologia ainda hoje admirável e instigante. Provavelmente o culto de uma *deusa mãe* ou *deusa primeva* tenha origem na Índia ou mesmo na Mesopotâmia. Muitas cidades, além daquelas próprias da civilização grega, registram o culto a uma primeva e poderosa deusa-mãe e protetora, com o sufixo *athenaia*, *atanaia*, *anaion* e similares. Há muitas tradições e diversos mitos de origem sobre a grandeza de **Palas Athená**. As mais conhecidas se fundem, denotando a beleza desta deusa-arquetípica, provável herança do matriarcado primitivo, ainda hoje tão discutido. Athená é representada como a deusa da civilização, da sabedoria, da estratégia da guerra, da vitória nas batalhas, das artes, da justiça, da habilidade e do artesanato, da inspiração poética e sentimental, da matemática e da alegria. Protege as **Oliveiras** e representa-se nas **Corujas e Serpentes**. Nasceu de Zeus e Mhétis, tornando-se uma das divindades mais representadas

na arte grega, em vasos, estátuas, pinturas, pequenas joias etc. a representação de sua personalidade acentua as bases da civilização, o cultivo da prudência e da justiça, das artes e da razão. Esteve nas casas da aristocracia e penetrou igualmente nas camadas populares como a deusa da providência e da proteção. Seu primeiro registro encontra-se num escrito linear B, de Cnossos, datado dos séculos XIV a.C como *atanaia ponitija*, ou “Senhora Athenas”. Era definida como A Deusa, e o nome Palas pode significar “donzela” ou “armaduras e armas”. Numa versão antiga Palas, a filha de Tritão, teria buscado matar Atenas; Zeus, seu pai, entreteu Tritão de um lado para proteger a filha e esta, Atenas, desferiu um golpe exímio de espada em Palas, matando-a rapidamente. Como eram amigas de infância, entristecida, fez uma pequena estátua com o rosto de Palas, dando-lhe o nome de **Paládio**, que colocou ao lado do trono de Zeus. Mais tarde, em outras brigas palacianas Electra é perseguida por Zeus que lhe atira a estátua de Paládio, que acaba por cair, dos montes olímpicos, num lugar de residência de **Ilo**, que encontra o Paládio e erige um altar fundando a cidade de Tróia (Ílion). Outro mito diz que ela matou um gigante alado chamado Palas que buscara violentá-la sexualmente. Ela o matou, retirou seu “couro” (pele) esfolando-o com sua espada e de sua pele grossa fez um escudo, depois cortou suas asas e atou-as a seus pés. A obra **Teogonia**, de Hesíodo é o relato mais antigo da origem de Palas Athená. Mhétis, a mãe de Athená, teria sido a primeira esposa de Zeus. Essa esposa divina, representada com prudência e sabedoria, era amada e venerada, a mais sábia das criaturas. Zeus, alertado por Gaia e Urano, tremeu ao saber que Mhétis lhe daria uma filha Athená e depois um filho, que seria mais poderoso que o próprio Zeus, e que acabaria destronando-o, como ele fizera com Cronos, seu pai. Com medo desta predição Zeus viria a engolir Mhétis, quando ela estava dormindo, para que ela não desse à luz a nenhum herdeiro. Mhétis gerou a filha dentro do ventre de Zeus, antes de morrer definitivamente, afligindo-o com muitas dores, e converge todas as energias para que a filha nasça da cabeça de Zeus, às margens do rio Tritão, já adulta e paramentada de armas, espada, escudo e capacete.

Em outra versão ela nasce diretamente de Zeus, após uma longa dor de cabeça do deus. A deusa Hera, enciumada, teria dado à luz a **Hefestos**, sem a participação de Zeus. Athená e Hefesto seriam partogêneses singulares.

10. Para ela se constituiu uma ladainha de títulos. Era chamada de a protetora da navegação, a protetora do povo, a defensora da justiça, a mais forte das divindades, aquela que atrasa a morte, aquela que controla os ventos, a guerreira invencível, a fundadora, a vingadora, a que domina os cavalos, a instrutora da humanidade em todos os ofícios. A deusa de olhos brilhantes, a encantadora da beleza, a domadora, a protetora da saúde, a deusa habilidosa das invenções, a curadora das feridas, a vitoriosa, a campeã das disputas, a protetora das cidades, a salvadora, a protetora dos estrangeiros e a patrona da hospitalidade. Seu último título, **Athená Parthenon**, a Virgem. A ela dedica-se o Templo maior da Acrópole, o Parthenon, o templo da deusa-virgem. Estava sentada à direita de Zeus e protegia e governava a todos os que a invocassem. Essa é a cidade e a deusa que iremos visitar no ano I da Pandemia!

#### **REFERÊNCIAS:**

- ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: Ed. da UnB, 1985.
- BERGSON, H. *Curso Sobre a Filosofia Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*. Editora Vozes, Petrópolis, 1996.
- CAMPOS, Rui Ribeiro. *O espaço geográfico e o pensamento na Grécia Clássica*. Revista Archetypon, Cândido Mendes, Rio de Janeiro, Ano 3, Nº 7, 1994.
- CUROTTO, E. *Dizionario della Mitologia Universale*. Turim: Internazionale, 1958.
- DURANT, W. *A História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Record, 1991.
- ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*. Lisboa: Martins Fontes, 1970.
- GOLDMANN, L. *Ciências Humanas e Filosofia*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: PUF, 1969.
- HADOT, P. *O que é a Filosofia Antiga?* São Paulo: Loyola, 2005.
- HAVELOCK, E. *Prefácio a Platão*. Campinas: Papirus, 1996.
- HESÍODO. *Teogonia*. Imprensa nacional. Lisboa, 2005.

HIGHWATER, J. *Mito e Sexualidade*. 1ª ed., São Paulo: Saraiva, 1992.

HOMERO. *Odisseia*. Ars Poetica. EDUSP. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ilíada*. Editora da Unicamp. Campinas, 2001.

JAEGER, W. *PAIDEIA: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JANINE C. *Platon, le désir et la cité*. Paris: Sirey, 1980.

JERPHAGNON, L. *História das Grandes Filosofias*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JOLIVET, R. *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

MALINOWSKI, B. *Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

MAZEL, J. *As Metamorfoses de Eros, O Amor na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MEAD, M. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

NUNES, Cesar A. *Platão e a Dialética entre a Filosofia do Amor e o Amor à Filosofia*. Campinas: Editora Brasília, 2018.

\_\_\_\_\_. *Aprendendo Filosofia*. Campinas: Papyrus, 17ª ed., 2006.

\_\_\_\_\_. *Desvendando a Sexualidade*. Campinas: Papyrus, 6ª ed., 2005.

\_\_\_\_\_. *Educar Para a Emancipação*. Florianópolis: Sóphos, 2003.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Rideel, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Banquete*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *Fedro*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade do Pará, 1975.

\_\_\_\_\_. *Protágoras*. Belém: Editora da Universidade do Pará, 1975.

\_\_\_\_\_. *Górgias*. Belém: Editora da Universidade do Pará, 1975.

\_\_\_\_\_. *Fédon*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade do Pará, 1980.

\_\_\_\_\_. *Político*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Apologia de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PLEKHANOV, G. *A Concepção Materialista da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

POHLENS, M. *L'uomo greco*. Firenze: La Nuova Itália, 1976.

ROSTOVTZEFF, M. *História da Grécia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SISSA, G.; DETIENNE, M. *Os Deuses Gregos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TOYNBEE, A. *Helenismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.  
VERNANT, J.-P. *Trabalho e escravidão na Grécia Antiga*. Campinas:  
Papyrus, 1989.  
\_\_\_\_\_. *As Origens do Pensamento Grego*. Petrópolis, 1984.  
ZAIDAN, M. *A Crise da Razão Histórica*. Campinas: Papyrus, 1987.

**Campinas, 15 de agosto de 2020**

**Cesar Nunes**